
Dossiê

**A CLASSE TRABALHADORA TEM COR: DEMOCRACIA RACIAL E
DESENVOLVIMENTISMO EM VOLTA REDONDA (1946-1987)**

Leonardo Ângelo Silva
Mestre em História Social e Doutorando em História Social pela UFRRJ.

RESUMO

A proposta deste trabalho é a análise da relação entre o discurso desenvolvimentista com o de democracia racial. Para tanto nosso recorte espacial é a região de Barra Mansa e Volta Redonda (região localizada no Sulfluminense do Estado do Rio de Janeiro) e o recorte cronológico vai de 1946 (ano da primeira corrida do aço em Volta Redonda), a 1987 (ano de divulgação da primeira pesquisa sobre discriminação e racismo que teve Volta Redonda como uma das cidades base). Na construção de nossos argumentos nos pautamos na experiência dos trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) o que captamos através do cruzamento analítico de fotos originárias da própria empresa (mais de 900), entrevistas realizadas pelo autor e por outros grupos de pesquisadores, registros de atas das Câmaras Municipais e de periódico da própria CSN (O lingote). Destes cruzamentos podemos destacar a evidente contradição entre a estrutura de trabalho, claramente desigual, encontrada pelos trabalhadores negros e o forte discurso desenvolvimentista e trabalhista, no qual os trabalhadores não tinham cor ou eram de todas as cores.

Palavras-Chave: Trabalhadores; Volta Redonda; Discriminação; Desenvolvimentismo.

**THE WORKING CLASS HAS COLOR: RACIAL DEMOCRACY AND
DEVELOPMENTALISM IN VOLTA REDONDA (1946-1987)**

ABSTRACT

The purpose of this article is to examine the discourse on development and racial democracy. Thus, we investigate within the region of Barra Mansa and Volta Redonda located in the Sulfluminense region of the state of Rio de Janeiro during the time period from 1946 (the first year of steel production in Volta Redonda) to 1987 (the first year of published research on discrimination and racism citing Volta Redonda). Our argument is based on the workers' experiences at the Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) and is developed through the analytical crossing of more than 900 photos that originated from the company itself, interviews conducted by the author and by other groups of researchers, municipal records from city councilmen and CSN's journal O Lingote. Taken collectively, we highlight the apparent contradiction between the clearly inequitable working structure for the black workers and the strong development and labor discourse, in which all workers were promoted as being equal.

Keywords: Workers; Volta Redonda; Discrimination; Developmentalism.

Este artigo propõe que os ideais do nacional desenvolvimentismo e do desenvolvimentismo conseguiram reforçar o discurso de democracia racial ao mesmo tempo que encobriam uma estrutura desigual para os trabalhadores negros da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), sediada em Volta Redonda. A localidade expressava a transformação do país que se viabilizava através dos trabalhadores urbanos, majoritariamente operários, contudo a grande maioria dos trabalhadores braçais, em serviços mais pesados, eram trabalhadores negros e o caso CSN consegue ser um ponto de aglutinação de pessoas e conceitos.

Estruturamos o artigo em 6 partes. As três primeiras dedicadas a demonstrar como a problemática racial fazia parte do contexto estudado e as 3 últimas evidenciando como a questão racial foi negligenciada tanto pelos discursos oficiais quanto pela produção acadêmica que potencializaram um ideal de classe trabalhadora como unidade. A sequência das subdivisões reflete os estágios de estranhamentos que tivemos ao estudarmos a temática e por tentar segui-los talvez tenhamos perdido maior conexão entre as partes.

Começamos com **“Companhia Siderúrgica Nacional: um estranhamento”**, onde apresentamos partes de entrevistas, realizadas em 2009, no intuito de demonstrar como que o tratamento social e o laboral estavam associados à questão racial. Posteriormente, em **“Contexto e Conceitos”**, demonstramos que para além de uma mão de obra negra, construtora majoritária da CSN, existiram várias pesquisas para o mesmo período de construção da usina, mas com caráter geograficamente diferenciado ou abrangente e que olharam a situação dos trabalhadores negros como continuidade com o passado escravista. Fechando essa primeira parte, em **“Mais Evidências”**, apresentamos outras fontes, para o final dos anos 1980 e início dos 1990, que relacionaram a localidade da pesquisa com a questão racial e problematizaram ainda mais a questão dos trabalhadores negros dentro e fora da fábrica.

A primeira das três últimas partes é **“Um Negro Silêncio”**, que apresenta a produção acadêmica para Volta Redonda-CSN e onde trabalhamos sobre alguns documentos oficiais. Diante das questões levantadas nesta última seção escrevemos **“Democracia Racial ou “o” Lugar dos subalternos?”**, que se baseia em dados específicos sobre Volta Redonda-CSN e onde se realiza debate sobre o conceito democracia racial e a construção do racismo à brasileira, pautando-se em vários autores. **“Considerações Finais”** se dedica a sintetizar argumentos presentes em várias partes do artigo e tentar um apontamento da questão estudada com os últimos acontecimentos na República Federativa do Brasil.

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

Companhia Siderúrgica Nacional: um estranhamento

Na nova era o índio desapareceu, desapareceu
Princesa Isabel e Conde Deu, em 1800, por aqui passaram
No alto de sua passagem, estabeleceram a Estação
Lá na esquina da Paulo de Frontin acabaram com a navegação
De barcos que navegaram com escravos no Rio Paraíba
Quando acabaram, quando acabaram com a capitania de Minas Gerais
Com homens de braços fortes descarregando minerais
Café e barras de ouro espalhados pelo continente
Vem mostrar quem pode com a história, mostrando a nossa gente
O passado sem metalurgia, com barras de aço fazendo a economia
Por nosso país, país, país
Em condições fantásticas. Alô, alô, alô Brasil, fazendo alguém feliz!¹

O texto acima é parte de samba-enredo criado para o carnaval de Volta Redonda na década de 1950 e mistura uma menção a personagens e fatos relevantes para a história local e do país com uma exaltação à metalurgia, um símbolo da modernização. A escravidão aparece, ela está ali, entre a Princesa Isabel e o surgimento da metalurgia na região, numa alusão evolutiva, assim como a vida do Sr. Jouvacy, negro e autor deste samba, que sai de Iguazuí (interior do Espírito Santo) para trabalhar em Volta Redonda na construção da usina, uma experiência comum no período, mas que ocorria dentro de uma perspectiva de melhoria de qualidade de vida e de condições de trabalho. Contudo, a entrevista com o Sr. Jouvacy revela mais coisas do que ter orgulho de ter trabalhado na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).

O Sr. Jouvacy lembra de caso ocorrido no Clube Náutico², provavelmente na década de 1950, em que ao ir fazer um show no clube recebeu a seguinte informação: “(...) o senhor tá expulso daqui, não precisa voltar mais não(...)”. Ao procurar o motivo da expulsão, soube através de outro funcionário que havia ocorrido uma decisão de “(...) tirar tudo que é pessoa negra daqui”. D. Maria do Rosário, negra e moradora do bairro Retiro, reforça o caso ao descrever que preto não entra no Clube Náutico e que estes criaram o “Clube dos Palmares”, um clube só para gente preta³. Aliás, ela acrescenta que a discriminação não era uma coisa tão difícil assim, tanto que seus filhos trabalharam na campanha do Dr. Nelson Gonçalves, eleito prefeito em 1960 e novamente em 1973 (a entrevistada não deixou claro em qual período os seus filhos participaram da campanha), mas não puderam participar da festa pois sofreram risco de que colocassem cachorros sobre eles.

Os relatos acima descrevem o tratamento que essas pessoas negras receberam fora do espaço construído pela CSN, provavelmente décadas de 1950 a 1970, mas outros relatos descrevem casos dentro da cidade operária, no espaço em que a empresa pregava discurso de direitos iguais,

¹ Este samba enredo e o parágrafo subsequente foram criados com base na entrevista de Jouvacy Milheiro Neto, concedida ao autor em Volta Redonda, 29 de janeiro de 2009.

² Clube fora da área construída pela CSN mas dentro do distrito de Volta Redonda.

³ Maria do Rosário, entrevista concedida ao autor. Volta Redonda, 09 de fevereiro de 2009.

nivelamento, pois vivia-se a formação de um ideal de família siderúrgica⁴. O Sr. Silvestre Pereira Rosa, ex-trabalhador da CSN e ex-vereador de Volta Redonda na década de 1960⁵, relata que houve uma discriminação “até de cor” quando da venda das casas da usina na década de 1960, período de fim do discurso de família siderúrgica na empresa, pois muitos encarregados que eram “gente de cor” e até chefes de seção não conseguiram comprar as casas que a CSN colocava para vender, então, muitos dos ex-funcionários negros tiveram de se mudar para a periferia. A estratégia que a empresa adotou foi exigir a entrega da casa para que o funcionário pudesse se aposentar, segurando a venda ao máximo. Nas palavras do Sr. Silvestre: “uma forma de expurga-lo”.

Curiosamente a pauta das entrevistas não era a questão racial, era a classe trabalhadora de Volta Redonda e naquele momento não enxergávamos que as pautas estavam cruzadas. Rastreávamos a história de migrantes, vida social, bairros e times de futebol, tentando levantar elementos para mostrar a formação da classe trabalhadora. Um caderno de fotos⁶ era levado para que eles pudessem ver, se lembrar do trabalho na empresa, das casas, da situação social e, inesperadamente, o assunto entrava pela questão racial. Realizamos 6 entrevistas, hoje temos clareza de que 4 dos entrevistados eram negros e operários, os dois brancos eram especializados, um engenheiro e um advogado.

Reconhecida a pauta dos entrevistados notamos que a similaridade dos relatos se dava no movimento comum de assumir a discriminação racial como elemento externo à CSN, em primeiro momento todos eles (brancos e negros) elogiam a empresa, pois a empresa figurava como a ponta de lança de mudança social e de qualidade de vida, aliás, foi através dela que os trabalhadores ouviram o discurso da unidade, como classe trabalhadora brasileira que forjava o futuro do país através do aço voltarredondense. No entanto, no decorrer da entrevista e ao se pautarem não mais na simbologia da empresa em suas vidas, mas em suas experiências cotidianas em situações de trabalho, o discurso muda e problemas raciais começam a surgir. Nesse sentido duas situações

⁴ De acordo com Regina Morel (1989) o termo aludia “ao espírito de colaboração e união que deveria existir entre todos, chefes, subordinados, dirigentes e trabalhadores” e expressaria as relações paternalistas e clientelistas estabelecidas pela hierarquia da empresa com seus funcionários tanto no espaço fabril como no extra fabril, por meio de diversas políticas sociais.

⁵ Silvestre Pereira Rosa, entrevista concedida a Ana Lúcia, Regina Morel e Jessie Jane Vieira de Souza. Volta Redonda, 28 de janeiro de 1988. Não há menção à cor do entrevistado.

⁶ Desde 2008 tenho em minhas mãos 963 fotos sobre a construção e origem da CSN, as fotos chegaram via entrevistados e fazem parte do Centro de Documentação da Companhia Siderúrgica Nacional. Não havia debruçado analiticamente sobre as mesmas pois acreditava ser redundante descrever ou analisar imagens já descritas por outros historiadores sobre a temática da classe trabalhadora e suas condições de trabalho, mas em se tratando da questão racial elas são essenciais para a visualização do que as entrevistas e a pesquisa encadeiam

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

vivenciadas pelo Sr. José Garcia, quando articuladas com relato do Sr. Ronaldo Gori, nos ajudam a entender o que desvelamos aqui⁷.

José Garcia, negro e ex anotador de produção da CSN, assevera que “a preferência do trabalho do negro era no calor do fogo, tá?”, e completa: “Tentaram me jogar no calor do fogo, eu disse: ‘Oh Doutor, o senhor está querendo me mandar embora da Companhia?’ [risos]. Depois me puseram, conseguiram me levar lá para a Coqueria”⁸.

A razão dessa “preferência” para alocação dos trabalhadores negros pode ser compreendida a partir de um trecho da entrevista do Sr. Ronaldo Gori, branco e ex-engenheiro da CSN, no qual ele lembra uma conversa que teve com seu professor de metalografia (Sr. Krevinsk):

(...) [Ele] falou comigo que na Alemanha eles usavam muito o negro pra trabalhar na coqueria. Eu perguntei: ‘- Por quê?’. Ele disse: ‘Porque na Alemanha a pessoa quando ficava doente, com anemia... (...) Ele era aposentado’. E o negro tinha uma doença parecida com a anemia (...), a anemia falciforme. Tem pouca oxigenação (...)... Então, quando o cara dizia que ia entrar na CSN tinha muito negro trabalhando, tirando aquelas portas semi-automáticas. Então ele dizia que isso era porque... O cara não podia reclamar depois. Que ele já tinha a doença.

Ronaldo Gori ainda categoriza o tipo de trabalhador que a CSN procurava quando relata que “(...) procuravam gente bruta. (...) Esse pessoal era brutalhado mesmo”, e no papel estereotipado de gente bruta temos o Sr. José Garcia que descreve outra passagem:

É... E assim foi, até que um dia eles chamaram um grande número de pessoas para carregar um vagão de saco de naftalina, né? Aí o que acontece, eles pegavam o saco de naftalina, um jogava pro outro, o outro jogava pro outro e o outro jogava dentro do vagão. Na hora que chegava em minha mão caía, aí na hora que eles vieram falar comigo eu disse: ‘É máquina que tem que trabalhar assim, homem não!’. Aí eles pegaram, eles chamou lá outro chefe de departamento, o chefe veio falar comigo, eu no meio de todo mundo saí falando com ele: ‘Olha, eu não gosto que me encha o saco não, tá?’. Aí eles me mandaram devolver no serviço que eu fazia... [Risos]
É...Eles tinham um pouco de receio de mim porque eu dava uma de que eu sabia um pouquinho de lei e eles aceitavam...

Nos relatos do Sr. José Garcia há claro movimento de protesto, mesmo ao brincar com o superior para não ser mandando para o calor do fogo, ou seja, reclamação que não se levanta contra a estrutura vigente, mas que expressa a insatisfação de estar a realizar o tipo de trabalho que foi proposto, um protesto de caráter mais individual. Já na segunda parte, há novamente uma

⁷ As próximas duas folhas tiveram por base as seguintes entrevistas: José Garcia, entrevista concedida ao autor. Volta Redonda, 29 de janeiro de 2009; Ronaldo Gori, entrevista concedida ao autor. Volta Redonda, 27 de janeiro de 2009.

⁸ Grande estrutura dentro de uma siderúrgica com vários fornos que podem chegar a 200, para a transformação do carvão em coque, uma das matérias básicas na produção do aço. Estes fornos recebem uma mistura de carvão mineral. Da reação química dentro da coqueria resulta o benzeno, substância que “ao contaminar o sangue pode ir para diferentes partes do corpo, como o cérebro, fígado, medula óssea – órgão responsável pela produção de sangue, podendo provocar leucopenia (redução dos glóbulos brancos), anemia, dificuldade de coagulação, leucemia e outros tipos de câncer e até aplasia da medula – organismo pára de produzir sangue” (SANTOS, 2009).

resistência ao trabalho, primeiramente na forma de negação de executá-lo, deixando-se cair os sacos no chão e evidenciando que o trabalho era pesado demais para homens e por isso mesmo deveria ser feito por máquinas, posteriormente ao associar a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) a este tipo de atitude, dando caráter mais coletivo à sua postura, evidencia-se uma combinação entre raça e classe pois a gente bruta historicamente construída para os trabalhos pesados eram os negros que foram, em sua maioria, da zona rural, das fazendas para o trabalho na CSN.

O que gostaríamos de evidenciar aqui é justamente um continuísmo expresso na herança das desvantagens para as pessoas negras, pois é justamente esta herança forjada no período escravista que passou a determinar o local destas pessoas no lugar de trabalho e que deu a naturalidade com que o engenheiro descreveu a necessidade de determinado tipo de gente para o trabalho. A herança da desvantagem dá lógica à justificação: “procuravam gente bruta”!

Como essa gente bruta chegava a região? Segundo revista da época, criada através de trabalho conjunto de acadêmicos e SMVR, os trabalhadores eram trazidos na carroceria de caminhões da própria empresa que saíam buscando homens e recebendo por cabeça. Quando o caminhão chegava ia direto para o hospital central e lá os novos trabalhadores da empresa recebiam nomes: “(...) quem não sabia o nome eles batizavam. Muitos não sabiam seus endereços, não sabiam nem o nome do pai nem da mãe, o agenciador é que dava o nome”⁹.



Fonte: Centro de Documentação (CDOC) da CSN, provavelmente de 1941 a 1946.

⁹ Arigó: *o pássaro que veio de longe*. Volta Redonda, 1, 1, 10-15, 1989, p. 14.

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

Sob forte discurso nacionalista em que se forjava a industrialização do país se escondia determinadas continuidades herdadas de modelos econômicos passados e que se impunham aos novos trabalhadores. Forte indício desta continuidade pode ser apreendido na foto que mostra a tal “gente bruta” em seu trabalho pesado, que segue descalça e carregando pedras na cabeça, majoritariamente trabalhadores negros.

As passagens anteriores evidenciam a questão racial como parâmetro de ação ou reação, inclusive evidenciando a continuidade entre o trabalho escravo e a “nova” classe trabalhadora, questão também notada ao analisarmos um dos conceitos mais utilizados nas análises sobre Volta Redonda: a família siderúrgica.

Segundo Morel, essa visão de família irmanava a todos os empregados, e os valores a ela associados deveriam ser seguidos inclusive pelos detentores dos cargos mais altos na hierarquia da CSN (engenheiros), norteando a relação destes com seus subordinados, chegando a invadir o espaço privado, as relações pessoais. Lask (1991), na mesma linha e em direção oposta ao que pregava como modernidade e racionalismo da empresa, evidencia a existência de forte estrutura paternalista e clientelista dentro da CSN que se viabilizava por uma política de “bilhetinhos e favores pessoais”, por meio da qual os trabalhadores barganhavam benefícios individualmente, utilizando-se do que tinham em suas mãos, assim, laços e vínculos pessoais não eram pontos desprezíveis. A autora ao descrever e afirmar essa estrutura assevera que a empresa oferecia bem feitorias visando o apaziguamento das relações com seus funcionários o que ao mesmo tempo “lhes obrigava a comportarem-se de forma *dócil* no trabalho” (LASK, 1991, p. 64)¹⁰.

O parágrafo anterior vai ao encontro do paternalismo presente no período escravista, pois as relações próximas, quase íntimas, porém assimétricas entre os de cima e os de baixo construía um ambiente de coesão social pautado na dependência. Mais uma vez, ao olhar para Volta Redonda e o cenário das décadas de 1940 e 1950, ao nos depararmos com a estrutura de um clientelismo fabril na CSN e com os discursos políticos paternalistas (de distribuição de benesses e de atrelamento dos trabalhadores à empresa) fica clara a relação de continuidade com o passado. Então, as palavras *dócil* e *bruto* ganham mais significado, pois de adjetivos usados para escravos passam a ser predicados da classe trabalhadora.

A seção até aqui construída teve por objetivo evidenciar como que as entrevistas, feitas para a dissertação de mestrado, deixaram várias pistas sobre a questão racial. Estas também evidenciam um forte discurso de classe trabalhadora para o período, ao mesmo tempo que demonstram a posição diferenciada para negros e brancos no trabalho e sociedade, uma continuidade com o

¹⁰ *Grifo nosso.*

passado escravista. Se o contexto estava cheio de evidências da desigualdade racial o que podemos dizer sobre o as produções acadêmicas, em um sentido mais geral? Qual a relação entre negros, indústria de transformação e discriminação racial? Nos dediquemos mais a isso.

Contexto e Conceitos

Volta Redonda, de 1939 a 1946, sofre processo significativo e impactante viabilizado pela construção da CSN. Ao começar a ser construída, no segundo semestre de 1941, haviam 762 trabalhadores na Usina e 2.782 habitantes no distrito, já na década de 1950 a CSN possuía um efetivo de 11.089 trabalhadores e uma população local de 56.380 habitantes, 90% dos quais no núcleo urbano do novo município¹¹. A transformação da região e a grandeza da obra tornam-se símbolo do desenvolvimento nacional e a construção da usina paradigma de um novo país. Se a construção do novo ganhava caráter discursivo, neste também se encontrava o da construção de uma nova classe trabalhadora.

Mesmo antes de chegar à região os trabalhadores eram laçados pela mudança de perspectiva (individual e coletiva) e isso fazia de Volta Redonda um Eldorado (BEDÊ, 2004, p. 20), pois para muitos que vieram para a construção desse eldorado nacional desenvolvimentista de Vargas existia a sensação de que a grandeza da obra era presságio de mudança positiva até para as gerações futuras, isso acompanhou Volta Redonda e a CSN até os anos 1980, quando grandes fluxos migratórios eram comuns em decorrência dos planos de expansão da usina. Os primeiros operários, muitas vezes de origem “simples e de pouca leitura” (...) “tinham uma noção bem nítida da importância da obra que ajudavam a construir, e associavam a relevância da usina de aço com o futuro de seus filhos” (idem, p. 41). Para muitos dos trabalhadores que vinham das áreas rurais e se tornavam operários da CSN a mudança não era só geográfica, era mudança de condição, mudança de nível, deixar para trás o passado rural, contudo, estas pessoas traziam mais que o adjetivo trabalhador ou trabalhadora, traziam consigo sua cor. 69% dos trabalhadores envolvidos com a construção da CSN eram negros (DINIUS, 2004, p. 182)!

Seria útil e interessante aos historiadores envolvidos com pesquisas sobre Volta Redonda dar maior atenção às produções do projeto da United Nations Educational, Scientific and Cultural

¹¹ ASSOCIAÇÃO DOS DIPLOMADOS DA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA, Delegacia do Estado do Rio de Janeiro, 1971. *Influência da Expansão da CSN na Comunidade*. Ciclo de Estudos sobre Segurança Nacional e Desenvolvimento, mime, p. 18.

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

Organization (UNESCO)¹², da década de 1950, pois no conjunto das obras dos autores que participaram do projeto vários indícios e constatações podem ser aplicados ao caso aqui estudado, como o evidente nexos entre os estudos de Costa Pinto e a situação da mão de obra que veio construir a CSN.

Pinto, em sua publicação de 1953, sobre a indústria de transformação na cidade do Rio de Janeiro citava que o quantitativo de brancos empregados nesta atividade – 17,5% - era “inferior a de pardos -21,74% - e ainda menor do que a de pretos – 29,52%” (PINTO, 1998, p. 92), sendo que em outras áreas de trabalho (menos pesado), mesmo com brancos compondo um quadro demográfico menor, estes eram maioria. Somando pretos e pardos temos que 51,26% da mão de obra empregada na indústria de transformação carioca era negra. Em Volta Redonda eram 69% de trabalhadores negros no mesmo ramo de atividade.

No levantamento de obras que fizemos sobre Volta Redonda e CSN, desde o final dos anos 1980, descobrimos a tese de Oliver Dinius¹³ que tratou da relação entre a questão racial e os trabalhadores da CSN, dedicando um capítulo inteiro a isso (DINIUS, 2004, pp. 70-213). Uma de suas análises no capítulo foi o cruzamento da questão da cor dos trabalhadores com o nível de especialização dos mesmos, o que é muito revelador da condição dos trabalhadores negros, contudo ficamos a pensar sobre mais pontos: a situação dos trabalhadores da CSN era cortada por questões de classe ou raça? Características físicas e cor da pele ou origem e posição no trabalho? Sobre isso gostaríamos de compartilhar mais algumas reflexões.

“Lugar de negro é na cozinha”, “o que diriam de nós os estrangeiros se fôssemos lá fora representados por um tição?” (PINTO, 1953, p. 95), essas são sentenças encontradas por Costa Pinto ao descrever alegações que justificavam a escolha de pessoas brancas para ascenderem nas carreiras e não as negras. Revelando um aspecto sutil de nossa estrutura racial ele expunha que era mais fácil uma pessoa negra conseguir emprego público do que um emprego na iniciativa privada, pois as instituições públicas não podiam ter abertamente critérios discriminatórios, todavia estas mesmas pessoas não conseguiam melhores colocações nas hierarquias de suas funções (idem, p. 94). Se a discriminação limitava a mobilidade social havia um indício de uma estrutura racializante e desigual.

Pautados neste problemática e à luz dos insights de Pinto acreditamos que na formação da consciência racial há que se considerar a “diferença entre aparência étnica e a essência de classe de

¹² Entre os anos de 1950 e 1952 a UNESCO patrocinou uma série de pesquisadores sobre as relações raciais no Brasil, os estudos miraram o país pois sobre este recaía uma visão de existência de maior integração racial. Ao final da Segunda Grande Guerra Mundial, em que ocorreram sérias perseguições raciais, o Brasil passava a ser analisado internacionalmente. Para uma visão mais matizada sobre o tema vide Marcos Chor Maio (1999).

¹³ Pesquisador alemão que hoje é professor na Universidade de Mississippi.

sua condição social” (idem, 37), pois esses elementos se combinam. Embora, como apontou Abdias do Nascimento, mesmo com aspectos de sociabilidade positiva, existiam grandes disparidades socioeconômicas entre brancos e negros (MAIO, 1999, p. 9). Tirando conclusões a partir destes autores podemos pensar que a questão racial brasileira nunca se colocou independente da questão social, da posição de classe social e a ação discriminatória sempre as combinou.

Richard Penn Reeve (1974) encontrou as mesmas respostas que Pinto, ou seja, a falta de pessoas negras nas divisões superiores das posições ocupadas quando analisou uma área fabril de Minas Gerais e que teve como mote a relação entre a questão racial e a mobilidade social. Para ele a contraposição de cor no Brasil não é uma questão de preto versus branco, mas um continuum de distinções do preto para o branco (REEVE, 1974, p. 141), uma construção mais fenotípica. O que notamos é que não só a cor da pele pode levar a um comportamento discriminatório em relação a um indivíduo pois também havia a questão das características físicas, mas o que poderíamos pensar sobre a questão social?

Voltemos à década de 1950. Charles Wagley, ao escrever sobre raça nas Américas, defendia o uso do termo “social race” por acreditar que para a análise de grupos sociais racialmente diferentes conseguia ser melhor definida por este conceito. Segundo ele, “estes grupos ou categorias são socialmente, não biologicamente, definidos em todas as sociedades americanas, embora os termos pelos quais eles são rotulados possuam originalmente referências à características biológicas”¹⁴ (WAGLEY, 1959, p. 13), ou seja, as pessoas poderiam ser discriminadas por possuírem características negras mas isso seria reforçado ou atenuado por sua posição social, justamente o que escreve a historiadora inglesa Brodwyn Fischer. O título de seu artigo é muito sugestivo: “Quase pretos de tão pobres? Race and Social Discrimination in Rio de Janeiro’s Twentieth Century”. Para a historiadora a questão racial e social não deveriam ser vistas como categorias concorrentes mas sim complementares pois a linguagem social tem importantes simbologias raciais assim como a discriminação social possuía muitas implicações raciais (FISHER, 2004, p. 1).

Pinto, Reeve, Wagley e Fisher nos remetem a reflexões em que cor, raça e classe social devem ser consideradas quando da construção e análise dos sujeitos e das situações de discriminação, de aceitação, de mobilidade e imobilidade social, de questões estruturais. Uma construção que acreditamos ser poderosa para se entender o racismo à brasileira pois um mesmo fenótipo pode ter tratamento diferenciado em áreas de um mesmo local, ou de uma empresa,

¹⁴ “The term ‘social race’ is used because these groups or categories are socially, not biologically, defined in all of our American societies, although the terms by which they are labeled may have originally referred to biological characteristics.

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

dependendo de uma série de combinações (que vão do lugar à posição social do indivíduo). A análise dos motivos do ato de discriminar é questão complexa, mas sua execução é sutil e simples, talvez por isso a nossa crença de que outra identidade que não a racial tenha dominado o período de recorte de nosso objeto mas entre as fissuras da estrutura e o enfraquecimento de discursos e conceitos foi ganhando força o contraditório e é isso que tentaremos demonstrar nas linhas que seguem.

Mais Evidências

Diante das evidências nos relatos, do número de negros utilizados na construção da CSN e do “novo” distrito de Volta Redonda, cientes que de o final dos anos 1980 e início dos anos 1990 foram testemunhas das primeiras produções acadêmicas de peso sobre Volta Redonda e CSN, o que as fontes dos anos 1980 poderiam nos dizer?

Os anos 1980 foram palco de várias obras sobre Volta Redonda, ao mesmo tempo foi a década da chegada da produção Thompsoniana no Brasil e do reforço de uma história pautada na história vista por baixo, o que trazia as pesquisas com ares mais empíricos e menos prezas em arcabouços teóricos, dando mais agência aos subalternos e suas estratégias. Ao mesmo tempo novo conjunto de evidências sobre a questão racial surgia em meio a classe trabalhadora.

Foi justamente em 1987 que o benzenismo ou benzolismo foi reconhecido como Doença de Trabalho pelo Ministério do Trabalho, sendo que até 1985 nenhuma denúncia sobre a doença havia sido feita. O benzenismo é uma doença adquirida via inalação do gás benzeno¹⁵, um dos substratos produzidos pela queima do carvão coque na coqueria das siderúrgicas, este diminui os glóbulos brancos do sangue e acaba incapacitando o trabalhador, gerando a leucopenia. O fato é que a CSN alegava que os negros possuíam anemia falciforme, uma questão genética de raça, o que para a empresa não tinha relação direta com o benzenismo. Esta relação entre CSN, doença e trabalhadores joga luz ao relato do Sr. José Garcia, negro e trabalhador da coqueria, quando este afirmou que lugar de negro era no calor do fogo. Segundo o SMVR, via jornal *Maioria Falante*¹⁶ de 1991, eram mais de 2.000 casos na CSN com cerca de 500 afastados pela impossibilidade de trabalhar, 90% deles eram negros. Além disso, ainda segundo a reportagem, surgiam casos de leucopenia em bairros da cidade que faziam parte da rota de circulação de poluição, como os bairros Retiro, Conforto e Ponte Alta.

¹⁵ Vide nota 10.

¹⁶ *Maioria Falante: um serviço ao combate ao racismo e à discriminação*. Ano IV, Nº 24, Abril e Maio – 1991, p. 10.

Ao olhar a parte institucional do jornal que eles chamam de “Serviço Maioria Falante Comunicação Racial e Popular”, fica evidente o vínculo entre o periódico e um movimento negro mais organizado pois o mesmo tem muitos pontos de distribuição no Rio de Janeiro e em Niterói, correspondente em país africano (Angola) e optaram por alguns nomes de origem africana em sua equipe (Éle Semog, Togo Ioruba, etc) o que poderiam ser apenas apelidos para esconder os verdadeiros nomes pois também encontramos “Zé Roberto” entre os nomes citados. A capa do periódico soa como um grito há muito guardado, pois a chamada da matéria sobre a CSN ocupa 2/3 da capa, denunciando “CSN: EXTERMÍNIO DE NEGROS”. Desigualdade e discriminação estavam presentes no contexto e desde longa data.

Ainda denunciando o genocídio, em 1997, outro periódico que também aponta para a década de 1980, cita que em dissertação de mestrado na UFRJ (1982) um engenheiro da CSN revelava as três condições para se trabalhar na coqueria: “Fortes porque, do contrário não aguentaria o tranco. Pretos, porque esta não seria uma ocupação para brancos. E burros porque, se fossem inteligentes arranjariam algo de melhor para fazer na vida”. Ao mesmo tempo o periódico denunciava que o racismo genocida era uma forma de controle populacional de uma mão de obra barata e descartável¹⁷.

Matéria apresentada pelo Jornal do Brasil de 1987¹⁸ revelou pesquisa que teve as cidades de Volta Redonda e Nova Iguaçu como base e o mote foi a discriminação racial. A pesquisa¹⁹ e reação à publicação do jornal não tiveram boa aceitação, muitos não reconheciam a discriminação racial ou alegavam que era uma pesquisa condicionada pelas localidades, fazendo questão de criticar a metodologia. A citada pesquisa, a qual ainda não tivemos acesso, foi encomendada pela Igreja Católica e provavelmente teve vinculação entre Dom Waldir Calheiros (Volta Redonda) e Dom Adriano (Nova Iguaçu) dentro da lógica de construções de pastorais e da teologia da libertação.

Contextualmente a temática racial estava posta e como veremos, principalmente para a primeira leva de pesquisadores sobre Volta Redonda e CSN, o contato com a temática se efetivou pelas entrevistas que realizaram e pelo próprio vínculo com o SMVR, parceiro destes pesquisadores e dos trabalhadores afetados pelo benzenismo (majoritariamente negros). Diante das evidências qual foi o comportamento dos pesquisadores e o que sinalizaram suas produções? É isso que tentaremos esmiuçar na próxima seção.

¹⁷ Periódico de cunho trotskista, da quarta internacional que levanta a questão racial como forma de fazer a união da classe trabalhadora. Leucopenia: Racismo nas siderúrgicas. *Vanguarda Operária*, n. 2, p.4, 08 a 10/1997. Localização eletrônica: <http://www.internacionalist.org/leucopenia.html>, acessado em 13/04/2009.

¹⁸ Jornal do Brasil. 11/11/1987, p. 36

¹⁹ IBASE/Comissão de Religiosos(as) Seminaristas e Agentes da Pastoral Negros do Rio de Janeiro, 1987, dados publicados em *Negros no Brasil: Dados da Realidade - co-edição COM Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) e Vozes.*

Um Negro Silêncio²⁰

Em se tratando de produções nacionais a primeira obra de peso sobre Volta Redonda e CSN é a de Regina Morel, em 1989, o mote de sua pesquisa é a construção e crise da família siderúrgica em Volta Redonda, mas tem recorte cronológico até 1988, ano da maior greve de Volta Redonda e em que o exército matou três operários²¹. Morel envolveu outras pesquisadoras que teriam suas próprias conclusões sobre Volta Redonda terminadas no início da década de 1990. Tais pesquisadoras continuaram a adentrar a temática da formação da classe operária de Volta Redonda em combinação com a formação do espaço urbano, são os casos de Lask (1991), Souza (1992a) e Souza (1992b), as quais estiveram envolvidas em projeto comum, a revista Arigó. Na revista, seus artigos eram “sintomáticos tanto do desenvolvimento das novas temáticas de pesquisa do grupo com passagem pelo trabalho de Morel, inspirados pela agitação social dos anos 80, como de aproximação, no contexto nacional, entre o meio acadêmico e o movimento sindical” (FORTES; DA SILVA; DA SILVA, pp. 2012, 252), fato este comprovado pela revista ter sido uma publicação do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, o mesmo sindicato que denunciava em matéria a questão do benzenismo e da maioria dos atingidos ser negro.

Uma segunda leva de obras sobre Volta Redonda é articulada nos anos 1990, mas então, sob o impacto do Novo Sindicalismo e da privatização da CSN as obras defendem um sindicalismo em suas cores mais combativas em contraposição ao período populista, considerado pelego (ver, por exemplo, GRACIOLLI, 1995; GRACIOLLI, 1999; MANGABEIRA, 1993 e VEIGA, 1990) mesmo que a primeira leva de obras, de Morel e companhia, tenha tentado mostrar a agência dos trabalhadores para o mesmo período. No entanto, se a diferença de conceituação sindical e de agência dos trabalhadores são balanceadas pelos novos eventos do contexto a postura sobre a questão racial é a mesma.

A terceira onda de obras, primeira década dos anos 2000, foca temas diversos e, em sua maioria, colocam os trabalhadores como agentes. Seus temas principais são a detalhada explicação sobre o paternalismo na fábrica, o ambiente extra fabril, as interações entre grupos sociais e a política partidária, comunistas e suas ações na região. Mostram-se abertas a uma visão mais matizada e a um exame mais criterioso sobre a vida política local (BEDE, 2007; LOPES, 2004;

²⁰ A análise das produções acadêmicas feitas nesta seção teve por base as produções apontadas por dois artigos: DA COSTA LIMA (2010) e FORTES; DA SILVA; DA SILVA (2012).

²¹ Pelas fotos que tivemos acesso as vítimas eram 1 negro, 1 pardo e um branco.

ALVES, 2001; DINAMARCO, 2004; MEDEIROS, 2004; DA SILVA, 2010), mas mais uma vez, como nas outras duas partes, a questão racial quase não é focada.

Com certeza o impacto da greve de 1988 e as demais, a privatização da CSN e as transformações sindicais influenciaram em muito as pesquisas da época, mas a questão racial também se evidenciava com força pois uma grande demanda reprimida foi liberada a partir de 1987 com a categorização do benzenismo como doença de trabalho.

Outras produções sempre presentes na história da cidade são as dos memorialistas locais, muitas delas publicadas pela Prefeitura Municipal de Volta Redonda (entre outros temos ATHAYDE, 2004; ATHAYDE, 2005a e ATHAYDE, 2005b; ALKINDAR, 2004.; BEDÊ, 2004; GAMA, 2004), que serviram inclusive como fonte para grande número de produções acadêmicas. Os memorialistas tendem a se concentrar na busca das origens de Volta Redonda, quase sempre como a realização de uma vocação que deságua no processo de emancipação da cidade. Em sua maioria, por optarem por uma memória mais institucional se distanciam da agência dos trabalhadores e se cercam de grandes nomes e emancipadores da cidade, muitas vezes passando por fazendas originárias da região, mas sem adentrar o tema da escravidão. Diante do silêncio acadêmico sobre o tema a curiosidade voltou-se para as fontes primárias que possuíamos.

Ciente de que Barra Mansa, cidade sede de Volta Redonda até 1954, teve relação com a produção de café sob o trabalho escravo, buscamos as atas da Câmara de Vereadores de Barra Mansa. O objetivo era o verificar se o silêncio sobre escravidão, raça, questão racial, persistia e por isso escolhemos o dia 13 de maio (Abolição da Escravidão) para análise. Com as atas em mãos priorizamos os anos de 1946 a 1954, anos de início da corrida do aço em Volta Redonda e de sua emancipação da cidade de Barra Mansa. Fizemos a busca mas nada foi encontrado, nenhum discurso, ressalva ou alusão aos escravos ou à família real, Princesa Isabel, ou seja, total ausência de registros sobre escravidão, abolição e raça.

Como nas produções acadêmicas o 1 de maio (dia do Trabalhador) ganhou relevância, por todo o envolvimento governamental e festejo de um novo Brasil via aço da CSN, colocamos esta data em pauta e, com base no periódico da empresa (O Lingote), notamos que o dia 9 de abril (dia de fundação da CSN) também era alvo de comemorações e até visitas presidências, ou seja, nova data a ser analisada nas Atas da Câmara de Vereadores de Barra Mansa.

O Dia do Trabalhador só é citado em sete de maio de 1953, quando a casa legislativa comunica que recebeu carta de 5 sindicatos convocando para as festividades. O elogio da Câmara para o evento se dá “pela maneira brilhante com que organizaram as manifestações prestadas ao Exmo Sr.Presidente da República pela passagem do **Dia do Trabalho**, devendo ser transmitidos

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

àqueles órgãos de classe os cumprimentos deste Legislativo”²². Nota-se que no elogio a Câmara colocava Vargas acima dos trabalhadores e o Dia do Trabalhador como Dia do Trabalho, ficando evidente o empoderamento dado à figura presidencial.

Para a data de 9 de abril, data de fundação da CSN (em 1941), o primeiro registro achado é de 1951, 10 anos após a fundação da Usina e quando há uma clara associação entre CSN e Vargas, este seria o pai da CSN e esta mãe dos trabalhadores de Volta Redonda. A hipertrofia da CSN nos discursos dos vereadores também é encontrada nos Relatórios da Diretoria da própria empresa²³, e para Vargas também é reservado um espaço elogioso. Em geral, a CSN é vista como libertadora da nação e produtora de um novo Brasil, de um Brasil do futuro com uma classe trabalhadora nova e treinada, capacitada e ativa na construção do Brasil, uma visão unânime tanto nas atas como no periódico e relatórios da empresa.

O que as atas demonstram é o que já fora constatado por Gomes e Paixão ao fazerem uma análise historiográfica sobre raça e cidadania no pós-abolição brasileiro. Entre construções e desconstruções acerca do conceito os autores ponderam que “o modelo desenvolvimentista acabou sendo forjado utilizando como motor ideológico o próprio mito da democracia racial” (GOMES e PAIXÃO, 2008, p.185), isso vai ao encontro do silêncio nas fontes e dá inteligibilidade às vozes que surgem para as datas que simbolizavam o trabalhador brasileiro (sem cor ou de todas as cores) com sua empresa-mãe e seu pai-criador, Vargas. Por outro lado, qual seria a força do discurso da democracia racial para os pesquisadores brasileiros?

Cientes de que a produção sobre CSN e Volta Redonda é imensa e de que a mesma é composta por vasta gama de pesquisadores, muitos deles de outras áreas para além das humanas, ficamos a refletir sobre a concepção racial que nós brasileiros possuímos, o quanto desta está envolta no discurso de democracia racial e se reflete sobre as pesquisas.

Sabemos que, no Brasil (década de 1990) surgiram obras que relacionaram a escravidão à história do trabalho (LARA, 1998; REIS, 1997) e que segundo John (FRENCH, 2002), fugiram da distinção reificada entre trabalhadores livres e não livres.

A produção historiográfica brasileira atual aparenta sensível mudança pois novas pesquisas tentam escavar continuidades e rupturas entre o período escravista e o de trabalho livre. Como exemplo de pesquisa recente que tenta mostrar a cor dos trabalhadores e os trabalhos executados (de 1933 a 1942), relacionando terminologias e ações de pessoas negras e brancas com o período escravista, temos o trabalho de OLIVEIRA (2015) que se debruça sobre a cidade de Pelotas nas décadas de 1930 e início da de 1940. Contudo, quando olhamos para Volta Redonda, mesmo

²² Câmara Municipal de Barra Mana, Livro Ata n.5 (1952-1953), p.197. *Grifo Nosso*.

²³ Temos em nossas mãos os relatórios de 1941 a 1970, mas ainda precisam ser organizados.

quando o tema é altamente condicionado à questão racial esta é deixada de lado. Como exemplo podemos citar SILVA (2003) que em dissertação de mestrado (Saúde Pública na Fundação Oswaldo Cruz) intitulada “Quando os elos se partem: os *trabalhadores* intoxicados pelo benzeno no município de Volta Redonda”²⁴, faz um longo histórico sobre luta dos trabalhadores contra a CSN, escreve sobre a atuação do sindicato, etc mas não há uma única menção sobre os trabalhadores negros, 90% dos atingidos.

A situação precária dos trabalhadores negros era evidente e ao mesmo tempo torna-se evidente o silêncio na produção acadêmica e o forte discurso de unidade para classe trabalhadora. É como se a igualdade racial existisse, como se todos, independente de origem social, características fenotípicas e cor da pele tivessem a mesma oportunidade e estrutura. Sobre forte discurso de trabalhadores se via o perpetuar, no imaginário coletivo, a tal democracia racial que, aparentemente, cegou olhares mais metodológicos, o olhar dos pesquisadores. A partir da ausência de pesquisas sobre essa questão o que se poderia levantar para um campo analítico e hipotético? Tentaremos contribuir com humildes sugestões.

Democracia Racial ou “o” lugar dos subalternos?

É interessante como que autores estrangeiros lidaram com a questão racial à brasileira pois para a década de 1930 e 1940, muitos olhavam para o Brasil como um “laboratório de civilização” das relações de raça e cultura (PIERSON, 1945), em que ao coletarem e demonstrarem os dados raciais e ter nestes a expressão das diferenças²⁵ assumiam postura que a questão racial brasileira não compactuava, ou era mais branda, que a mesma em outros países. Assim, primeiramente nossa tolerância racial era melhor do que a de preconceitos existentes na Europa que se via diante do nazismo (ZWEIG, 1941, p. 11), posteriormente nossa democracia racial era melhor do que as discriminações e mortes, perseguições e radicalismos, que se viam nos estados do sul dos Estados Unidos e, por fim, éramos o exemplo que a África do Sul deveria ter seguido para não agudizar seu apartheid social.

Por outro lado, as pesquisas demonstravam que os dados eram brutalmente diferenciados para pessoas de origens raciais diferentes. Costa Pinto, ao cruzar dados sobre educação e relacioná-

²⁴ *Grifo nosso.*

²⁵ Como as tabelas apresentadas por este autor que demonstram a clara discrepância entre pessoas de pele mais escura e de pele mais clara em todos os setores analisados como educação, trabalho, serviços, entretenimento, etc (PIERSON, 1945, pp. 241 a 268).

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

los à cor, para a década de 1940, revela a seguinte composição para o nível educacional elementar, grau médio e nível superior, respectivamente: brancos - 83,50%, 93,81 e 96,37%; pretos - 3,88%, 0,85 e 0,38%; e pardos - 12,53%, 5,24% e 3,12% (PINTO, 1998, p. 159). A constante é o aumento de percentuais para brancos e o diminuir para pardos e, principalmente, pretos.

A década de 1950 não revelou melhoria nos índices. Emília Viotti (DA COSTA, 2000) ao fazer simples exercício aritmético cruzando dados do censo demográfico com os índices de acesso educacional revela que se 60% da população era tecnicamente branca, cerca de 25% de mulatos (pardos) e 11% pretos, contudo 4% dos estudantes nas escolas secundárias eram negros e menos de 1% eram pretos, como a própria autora escreveu estes dados não eram secretos mas diante do forte discurso de democracia racial foram ignorados.

Para o caso de Volta Redonda, os discursos sobre a democracia racial se viam potencializados pelo nacional desenvolvimentismo que sob a bandeira da industrialização, de um sentido evolutivo dado à urbanização e sob um forte espectro nacionalista fazia da região um laboratório no qual o desenvolvimentismo se alicerçava em mestiçagem como forma de atingir a modernidade do país. Mais uma vez são os dados e pequenas operações aritméticas os reveladores das contradições discursivas, partamos para a análise de Oliver Dinius.

Dinius, pesquisador que teve como mote de pesquisa de doutoramento a CSN e a cidade de Volta Redonda (DINIUS, 2004), conseguiu acessar as fichas dos funcionários da usina e realizou coleta objetiva dos dados, ou seja, olhando ficha a ficha e categorizando os funcionários por cor (de 1941 a 1946) montou tabela em que cruza fenótipo com especialização.

Skill by *Cor* for workers hired 1941-1946

Complexion	Skill Level			Total
	Skilled	Semi-Skilled	Inskilled	
Branco	40.1%	43.8%	26.4%	30.7%
Negro	24.7%	21.7%	37.8%	33.7%
Pardo	35.1%	34.5%	35.8%	35.5%
Total	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%

Source: Contingency table 'Cor' ans 'Skill-Level' from personal file simple.

Fonte: DINIUS, 2004, p. 182.

Com base no Censo de 1950 (IBGE, 1950, p. 68), para a cidade de Barra Mansa, temos que 62,23% eram brancos, 20,99% eram pretos e 16,73% eram pardos. Vale lembrar que Volta Redonda era distrito de Barra Mansa e o mesmo censo acusa uma população de 35.964 habitantes para Volta Redonda enquanto Barra Mansa e todos os seus outros distritos perfazem um total de 25.318 habitantes. O censo não traz informações raciais por distrito.

Segundo a tabela de Dinius, somando-se o que ele chama de negro²⁶ e pardo, teríamos que 69% dos trabalhadores envolvidos com a construção da CSN eram negros e se olharmos o número de trabalhadores não especializados, ou seja, os que trabalhavam em situações mais pesadas, esse número sobe para 73,6%. O que tem clara relação com os dados de Da Costa pois a falta de acesso à educação para as pessoas de cor as deixaram na condição de trabalhadores em serviços braçais, mais pesados, o que também significava exercer o controle sobre a mão de obra de libertos e outros trabalhadores negros (GOMES; PAIXÃO, 2008, p. 175).

Sabemos que muitos trabalhadores envolvidos na construção da CSN foram dispensados ao final da obra e se tornaram fundadores do Morro São Carlos (ocupação ao lado da área planejada pela CSN). A curiosidade em relação aos dados do censo de 1950 é justamente o discrepante número de brancos na região em relação ao número de trabalhadores brancos (até 1946) levantados por Dinius (30.7%). Não temos ciência de como os dados eram levantados pelos recenseadores do período, mas se os próprios habitantes opinavam em relação à cor ou se os recenseadores colocavam dados com base em impressões próprias fica aqui questão similar a notada por Oliveira (2015, p. 179) ao estudar a cidade de Pelotas, quando muitos pretos se declaravam pardos para fugir dos estereótipos da escravidão. Na mesma linha, a já citada historiadora inglesa Brodwyn Fischer, alega que a linguagem social tinha importantes simbologias raciais assim como a discriminação social possuía muitas implicações raciais (FISHER, 2004, p.31).

Pautado nos pontos do parágrafo anterior a curiosidade que nos cerca é saber até quando trabalhar na CSN, ter casa, estrutura e bom salário poderia fazer um pardo, ou mesmo um negro, optar por outra categoria racial, por uma outra cor, pois se precariedade e pobreza empecinavam as pessoas o que dizer quando as mesmas possuíam melhor qualidade de vida?

Refletindo sobre a questão racial na sociedade americana e, sobretudo, o comportamento dos trabalhadores, encontramos as reflexões de Legget que demonstra o interesse de cientistas sociais nos conflitos de classe que são perpassados por consciência de minorias, no caso, trabalhadores negros dentro da indústria automobilística de Detroit. Nestes estudos os “trabalhadores negros são mais militantes que os brancos”, entretanto no caso americano isso foi captado ao notar que “a

²⁶ Consideramos que o autor nomeia negros o que o próprio censo demográfico nomeia preto.

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

constatação desses escritores sugere a importância da comparação de perspectivas de classe para trabalhadores negros e brancos encontrados em comunidades industriais segregadas”²⁷ (LEGGETT, 1968, p. 97).

A construção do racismo brasileiro, como demonstra o caso de Volta Redonda, é mais sutil e, como nos alerta Gomes e Paixão, se sedimenta “em critérios de aparência (...), estando inequivocamente relacionado com uma ideologia racial implícita e não menos nefasta (...), sendo tal processo classificatório decisivo em termos de sua probabilidade de mobilidade social” (2008, p.187). O caso brasileiro mescla raça e cor, pautando a questão racial em base fenotípica e não genotípica como a americana. Contudo, se as análises anteriores sobre classe para Volta Redonda e para o Complexo da CSN se pautaram na unidade de tratamento e da luta da classe trabalhadora acreditamos que as questões evidenciadas até aqui expõem a necessidade de um outro olhar.

O caso de Volta Redonda ao demonstrar essas fraturas que começaram a se fortalecer com a quebra do discurso nacionalista e desenvolvimentista pode servir de base para outras análises de cidades operárias que surgiram na mesma época e que também foram forjadas sob os mesmos discursos. No mesmo sentido e em caráter hipotético, talvez evidencie uma construção identitária negra a partir da quebra de um padrão econômico que se refletia em mudanças de trajetórias individuais. Assim, a construção identitária negra, mesmo tendo o cultural como elo aglutinador de longo prazo, só foi concretizada após a quebra de uma identidade mais abrangente, a de classe trabalhadora. É sintomático ver o Movimento Negro se fortalecer a partir dos anos 1980.

Considerações Finais

Com certeza são as questões do presente que nos inspiram a questionar o passado e foi através dos questionamentos surgidos durante o estágio sanduíche (ainda em curso) que o pesquisador se viu diante da questão racial, não somente como objeto de pesquisa, mas como estranhamento próprio, pois era pardo no Brasil e tornou-se *black man* nos Estados Unidos. Diante da linha tênue de auto conceituação entre brasilidade, latinidade e afrodescendência o resultado foi um novo olhar para o objeto de pesquisa que se refletiu em leituras, objetivos e hipóteses para um novo projeto que ainda se encontra em formação. Este artigo-ensaio é o resultado dos últimos 6 meses de trabalho.

²⁷ “(...) working-class Negroes to be more militant than working-class whites (...); “(...) the findings of these writers suggest the importance of comparing the class perspectives of Negro and White workmen found in segregated industrial communities (...)”.

Como notaram Verena Alberti e Amilcar Araujo Pereira ao entrevistarem figuras importantes do movimento negro brasileiro, um certo padrão de comportamento para os entrevistados era o de primeiramente tomar a consciência da negritude e posteriormente a consciência da discriminação o que muitas vezes engendrava uma tomada de posição política (ALBERTI; PEREIRA, 2005, p. 3). Acreditamos que a mudança de projeto do pesquisador que aqui escreve vá ao encontro das constatações acima e que muitos dos entrevistados apresentados neste artigo também passaram por este processo.

Sobre as evidentes assimetrias de tratamento narradas pelos trabalhadores da CSN e pensando como o discurso de democracia racial conseguiu inculcar uma tolerância para este tratamento diferenciado, acreditamos que o discurso governamental de futuro (Brasil o país do futuro) combinado ao Milagre Econômico e aos planos de expansão da CSN, conseguiram tampar os problemas raciais. Mesmo com a chegada de Dom Waldir Calheiros na cidade, em 1967, e os discursos progressistas perpetrados pela Igreja Católica, o poder simbólico da empresa, expresso nas transformações das trajetórias individuais (geralmente pessoas que saíam do campo e iam para a região), conseguiu fazer com que a simbiose entre nacional desenvolvimentismo e democracia racial se tornasse uma constante, os estranhamentos indenitários sobre raça ocorreram mas não eram maiores do que os elos integradores de “classe trabalhadora”. Isso ficou evidente ao analisarmos a produção acadêmica para a região pois não houve ênfase na questão racial mesmo diante de quadro revelador como o de casos de benzenismo.

Acreditamos que a identidade racial ganhou força quando das crises do nacional desenvolvimentismo e do desmantelamento da estrutura fabril para seus trabalhadores, principalmente para os anos 1980 e que coincidentemente foi o período de fortalecimento do Movimento Negro em escala nacional. Nesta década elegeu-se vereador negro e atrelado ao Movimento Negro Unificado na cidade, o Sr. José Garcia. Entendemos que neste contexto as pressões históricas sobre os negros dentro da fábrica não mais conseguiam ser acobertadas pelo discurso da democracia racial e do nacional desenvolvimentismo pois as piores condições de trabalho e as maiores vítimas das áreas insalubres eram os trabalhadores negros.

A década de 1980 foi testemunha das maiores e constantes greves na cidade, ao mesmo tempo que se veiculavam os primeiros discursos de privatização da usina, ou seja, um desmantelar da estrutura de qualidade de vida da classe trabalhadora mesmo quando esta se rearticulava no Novo Sindicalismo. Assim, ensaiamos que as polarizações raciais antes esquecidas em nome de um futuro melhor e acobertadas pelo discurso da democracia racial ficaram mais evidentes e sensíveis.

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

O estranhamento identitário se tornou mais forte e uma consciência para além de classe trabalhadora começou a ganhar mais força coletivamente.

Durante os anos 1990, sob o manto neoliberal e da conseqüente degeneração das condições de vida, tem-se o questionar da discriminação racial e da precarização do trabalho. É justamente em 1995 que o Movimento Negro ganha as ruas através da Marcha Zumbi dos Palmares (ALBERTI, 2007, p. 337). O Movimento Negro ganha força e se torna interlocutor político colocando pautas já no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Contudo, somente no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva se tem uma política mais clara, em que demandas do movimento se transformavam em leis, o que pode ser sentido diante da implantação de política de cotas raciais e da criação de ministério que era responsável por este assunto. Um jogo político de uma intrincada rede de equilíbrio e balanço de forças composta por várias outras bandeiras de minorias sociais. Não a toa o movimento negro deu suporte ao governo Lula e posteriormente ao governo Dilma.

Enquanto escrevemos, o país passa por processo político conturbado e o vice-presidente assume em caráter provisório a presidência da república. Em um de seus primeiros atos extingue o Ministério das Mulheres, Igualdade Racial, Juventude e Direitos Humanos, atitude que possui um grande efeito simbólico. Em se tratando da questão racial no Brasil e das últimas manifestações que invadiram as ruas, notamos que os últimos anos de políticas governamentais que conseguiram ascender minimamente grupos sociais excluídos, como os negros, causaram grande incômodo em segmentos sociais mais elitizados. Afinal, embora fissuras apareçam e se fortaleçam em meio às crises estruturais e discursivas ainda somos um país que muito utiliza o “sabe com quem você está falando” e para esse tipo de situação sempre existem pessoas fora do lugar, principalmente aquelas que sempre tiveram lugar subalterno.

Nada mais justo que terminarmos com alguns questionamentos inspirados no texto Marcelo Paixão e Flávio Gomes (2008, p.177): onde estão os negros no Brasil hoje? Já que negro é um lugar social de subordinação e da não igualdade. Este lugar social é detentor de que tipo de cidadania?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTI, V. **Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas - Cpdoc, 2007.

ALBERTI, V.; PEREIRA, A. A. Movimento negro e ‘democracia racial’ no Brasil: entrevistas com lideranças do movimento negro”. Trabalho apresentado durante a III Conferência Bienal da Associação para o Estudo da Diáspora Africana Mundial (The Association for the Study of the Worldwide African Diaspora-ASWAD), realizada no Rio de Janeiro em, 2005.

NORUS – v4, n.5, jan - jul 2016.

ALKINDAR, Costa. **Volta Redonda ontem e hoje. Visão histórica e estética.** CD-ROM, 2004.

ALVES, M.P. **Lazer operário e alienação (Volta Redonda – 1951 a 1956).** Dissertação de Mestrado. Universidade Severino Sombra. Vassouras, 2001.

ATHAYDE, J.B. de. **Volta Redonda Cidade do Aço:** (notas históricas). Coronel Fabriciano: Editora Bussinger, 2004.

ATHAYDE, J.B. **Volta Redonda através de 220 anos de história:** (1744 – 1964). Coronel Fabriciano: Editora Rogério Bussenger, 2005a.

ATHAYDE, J.B. **Volta Redonda e a Campanha Emancipacionista.** Coronel Fabriciano: Editora Rogério Bussinger, 2005b.

BEDE, Edgard. **Pedagogia do mundo do trabalho na Companhia Siderúrgica Nacional: Americanismo, Compromisso Fordista e a formação da classe operária em Volta Redonda.** Tese de Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, 2007.

BEDÊ, Waldyr Amaral. **Volta Redonda na Era Vargas (1941-1964).** Volta Redonda: SMC/PMVR, 2004.

DA COSTA, E. V. **The Brazilian empire: myths & histories.** University of North Carolina Press, 2000.

DA COSTA LIMA, Raphael Jonathas. Novas e velhas questões: revisando a historiografia sobre Volta Redonda (RJ). **Revista de História**, História-Unissinos, v.14, n.1, 2010.

Da SILVA, Leonardo Ângelo. **Industrialização, Relações de Classe e Participação Política: da Criação da CSN à Emancipação de Volta Redonda (1941-1954).** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM-UFRRJ), 2010.

DINIUS, Oliver. **Work in Brazil's Steel City: A History of Industrial Relations in Volta Redonda, 1941–1968.** PhD, dissertetion in History, Harvard University, 2004.

DINAMARCO, Patrícia da Silva Mueller. **Trabalhadores da CSN: Lembranças e Relatos da Primeira Geração.** Dissertação de Mestrado em História, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2004.

FARIAS, Ignez Cordeiro de (Coord.). **Jorge Loretti.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

FISCHER, B. M. Quase pretos de tao pobres? Race and Social Discrimination in Rio de Janeiro's Twentieth-Century Criminal Courts. **Latin American Research Review**, University of Texas Press - Austin, v. 39, n. 1, 2004.

FORTES, Alexandre; SILVA, Eduardo Ângelo da; SILVA, Leonardo Ângelo da. Desenvolvimento, trabalho e cidadania em Volta Redonda: um olhar sobre a evolução da produção acadêmica. In FORTES, Alexandre; RAMALHO, José Ricardo. **Desenvolvimento, trabalho e cidadania: Baixada e Sul Fluminense.** Rio de Janeiro: 7 Letras. 2012.

FRENCH, John D. "A história latino-americana do trabalho hoje: uma reflexão auto-crítica." **Revista de Historia**, História-Unissinos, v. 6, n. 6, 2002.

A dinâmica das relações raciais: dados, abordagens e intersecções

GAMA, Maria Cecília Fontainha de Almeida. **Sávio Gama: Fotos que contam a história.** Volta Redonda: PMVR/SMC, 2004.

GRACIOLLI, Edílson José. **Um caldeirão chamado CSN: resistência operária e violência militar na greve de 1988.** Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Uberlândia, 1995.

GRACIOLLI, Edílson José. **Um Laboratório Chamado CSN – Greves, Privatização e Sindicalismo de Parceria (A trajetória do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda – 1989/1993).** Tese de Doutorado em Sociologia. Universidade Estadual de Campinas, 1999.

GOMES, Flávio, and PAIXÃO, Marcelo. "Raça, pós-emancipação, cidadania e modernidade no Brasil: questões e debates." **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 4, 2008.

IBGE. **Censo Demográfico 1950.** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.

LARA, Silvia Hunold. "Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil." **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, n. 16, 1998.

LASK, Tomke Christiane. **Ordem e progresso: A estrutura de poder na “cidade operária” da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda (1941-1964).** Tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Museu Nacional). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 1991.

LEGGETT, John C. **Class, race, and labor: Working-class consciousness in Detroit.** Oxford University Press, 1968.

MAIO, M. C. O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais - RBCS**, v. 14, n. 41, 1999.

MANGABEIRA, Wilma. **Dilemas do novo sindicalismo: democracia e política em Volta Redonda.** Rio de Janeiro: Relume- Dumaré, 1993.

MEDEIROS, Simone Alves de. **A cidade que educa. A construção das identidades sociais dos trabalhadores da cidade-empresa de Volta Redonda (1940-1973).** Dissertação e mestrado. Universidade Federal Fluminense, 2004.

MOREL, Regina Lúcia de Moraes. **A Ferro e Fogo – Construção e Crise da “Família Siderúrgica”: O caso de Volta Redonda (1941 –1988).** Tese de Doutorado em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas da Universidade de São Paulo, 1989.

OLIVEIRA, Ângela Pereira. "A atuação de profissionais negros no mercado de trabalho de Pelotas– um estudo a partir das Carteias profissionais (1933 a 1942)." **AEDOS**, Porto Alegre, v. 7, n. 17, 2015.

PIERSON, Donald. **Branços e pretos na Bahia.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

PINTO, Luiz de Aguiar Costa. **O negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

NORUS – v4, n.5, jan - jul 2016.

REEVE, Richard Penn. "**Race and socio-economic mobility in a Brazilian town.**" St. Louis: Washington University, 1974.

REIS, João José. 1997. The Revolution of the Ganhadores: Urban Labour, Ethnicity and the African Strike of 1857 in Bahia, Brazil. **Journal of Latin American Studies**, Cambridge University Press, n.29, 1997.

SANTOS, Antônio Guilherme dos. "Benzenismo: Prevenção e controle devem ser permanentes" [online]. **Diesat (Departamento Intersindical e Saúde do Trabalhador)**. Disponível em: <http://www.diesat.org.br/artigos/4.pdf>. Acessado em: 02/04/2009.

SHERIF, Robin E. **Dreaming equality: color, race, and racism in urban Brazil**. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 2001.

SILVA, Eduardo Ângelo; SILVA, Leonardo Ângelo. Industrialização, urbanização e formação de classe em Volta Redonda (1945-1979): do fim do Estado Novo aos tempos da Ditadura [online]. **Revista Mundos do Trabalho**, vol. 3, n. 5, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/1984-9222.2011v3n5p86/19020>. Acessado em: 15/03/2013.

SILVA, Cecília Santos da. **Quando os elos se partem: os trabalhadores intoxicados pelo benzeno no município de Volta Redonda**. Dissertação de mestrado apresentada na Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. Fundação Oswaldo Cruz, 2003.

SOUZA, Cláudia Virgínia Cabral de. **Pelo espaço da cidade: aspectos da vida e do conflito urbano em Volta Redonda**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano (IPPUR) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992a.

SOUZA, Jessie Jane Vieira de. **Valentim, o Guardião da Memória Circulista (1947/1958)**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1992b.

VEIGA, Sandra Mayrink e FONSECA, Isaque. **Volta Redonda entre aço e armas**. Petrópolis: Vozes, 1990.

ZWEIG, Stefan,. 1941. **Brasil: o país do futuro**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1941.

WAGLEY, C. On the Concept of Social Race in the Americas. **Actas del XXXIII Congreso Internacional de Americanistas**, 1, 1959.